

A VISÃO DO QUE É SER BEBÊ A PARTIR DAS VOZES DAS PROFESSORAS DE BERÇÁRIOS

Myrtes Soraia Martins Maciel ¹
Eduarda de Assunção Pacheco ²
Nadinhe Silvane Natividade de Sousa ³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral discutir a concepção sobre bebês a partir das vozes das professoras de berçário. Dessa forma, metodologicamente este trabalho pautou-se à luz da perspectiva dialógica, tomando como base as vozes das professoras de berçários do município de Belém e Ananindeua o qual relataram suas experiências e seus saberes. Os resultados apontaram duas concepções de bebês: o bebê incapaz e o bebês que possui autonomia e possui direitos. Consideramos que este estudo é de suma importância para a compreensão sobre o que é ser bebê.

Palavras-chave: Educação Infantil, Berçário, Docência com bebês, Bebês.

INTRODUÇÃO

Ao nascer o bebê já se relaciona com o mundo e se apropria do mesmo, essa relação provoca o seu desenvolvimento e as suas experiências. Sendo assim, a relação de cuidado e educação advinda do adulto possibilita ao bebê a percepção de objetos e aos poucos amplia suas atividades, organizando e reorganizando os processos psíquicos (MELO,2010).

Historicamente na concepção de grande parte dos adultos a definição do bebê era de um ser incapaz de interação, de ação autônoma e incapaz de estabelecer trocas. Por depender de ações como tomar banho, alimentação e entre outros, o adulto acreditava que o bebê tinha uma condição completa de incapacidade. Todavia, essa concepção resulta em uma interpretação distorcida acarretando uma falta de compreensão sobre esses indivíduos.

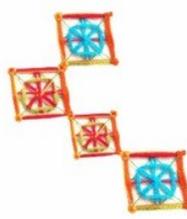
No berçário essa visão de incapacidade e falta de autonomia dos bebês ainda são presentes atualmente no cotidiano do professor, tal qual ver-se como um “adulto em miniatura”. É o que relatam algumas professoras durante a análise desta pesquisa sobre suas atividades com os bebês, e além disso, relatam outros comportamentos acerca do afeto e das vontades dos pequenos que de certa forma os causam uma invisibilidade.

Como forma de tentar compreender e investigar a atuação desses profissionais com base em seus diálogos. Essa pesquisa nos levou a seguinte indagação “qual a concepção de

1 Graduanda do Curso de Licenciatura Plena Em Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, myrtesmartins22@gmail.com;

2 Graduanda pelo Curso de Licenciatura Plena Em Pedagogia da Universidade Federal - UFPA, eduardaassuncaoapacheco@gmail.com;

3 Graduanda do Curso de Licenciatura Plena Em Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, nadinhesousa17@gmail.com



bebês permeadas pelas professoras de berçários?”. Já que o professor é a principal fonte de interação com o bebê no ambiente do berçário e mantém relações que refletem no desenvolvimento do pequeno.

É relevante entender que a interação do sujeito com o meio na qual ele vive é importante para o cognitivo. Dessa forma, embora os bebês nasçam com potencialidades humanas, é através da interação com o adulto e das trocas que fazem com que as potencialidades sejam efetivamente desenvolvidas (KLEIN; MARTINS, 2017).

Nessa perspectiva, o objetivo da presente pesquisa consiste em discutir a concepção sobre os bebês a partir das vozes das professoras de berçários. Pois, entende-se que as concepções que essas professoras possuem irão orientá-las nas suas ações e interações com os bebês.

Salienta-se que essa pesquisa é importante no aprofundamento da temática na qual é pouco abordada no campo educacional. Tendo em vista que pode ser usado como referencial de estudos afim de entender as diferentes concepções das professoras de bebês do berçário. Além disso, poderá ser uma análise para a aprimoração e agregação dos ambientes educacionais frente a melhoria as atividades e relações das professoras a suas práticas pedagógicas.

METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa é de natureza qualitativa e utilizou-se como fonte de informações para execução deste trabalho a análise das reflexões que ocorreram durante o trabalho desenvolvido no período de (agosto de 2018 a julho de 2019).

Em suma, este estudo vem sendo desenvolvido da seguinte maneira:

Para fazer a formação da roda de conversa, foram convidadas professoras dos municípios de Belém e Ananindeua que trabalham em berçários, após a composição do grupo, com 10 professoras, iniciaram-se os encontros. Os encontros aconteceram uma vez ao mês, sempre na segunda quinta-feira, na Universidade Federal do Pará (UFPA).

Os diálogos que foram produzidos pelas professoras durante os encontros foram gravados e depois transcritos para sistematização, análise dos dados e também assegurar para não tivessem perdas de informações importantes.

As transcrições das gravações dos encontros foram analisadas durante as reuniões pelo coletivo de coordenadores do projeto que teve como objetivo fazer a organização e o planejamento das ações a serem desenvolvidas nos encontros com vistas a traçar, visualizar e compreender o avanço nas ideias das professoras sobre o bebê e a docência com e para ele,



além de decidir as temáticas que deverão ter desdobramentos a partir das vozes das professoras, assim, direcionando os debates dos encontros subsequentes.

É importante destacar que estes encontros são espaços de diálogos que tem como objetivo principal oportunizar as professoras a compartilharem suas reflexões em torno da concepção sobre bebês e a docência com e para eles, tendo como base seus saberes, suas experiências e suas ideias.

Diante disso, os procedimentos metodológicos a serem aplicadas nos encontros consistem à luz da perspectiva dialógica fundamentada pelo trabalho de Goulart (2016), pois as vozes das professoras são fontes de informação na construção de conhecimentos e que estas são produzidas coletivamente, sendo assim, pressupõe-se a oportunidade de retomar os saberes docentes no qual vem direcionando a uma prática pedagógica nas turmas de berçário, assim como tendo uma perspectiva de (re)significá-las.

Portanto, em relação às demais etapas do projeto que foram citadas, ainda que sejam ações de modos independentes, são ações que se retroalimentam, assim, o que ocorre nos encontros com as professoras de berçário e o que ocorre nas reuniões da coordenação alimenta o debate e se materializam nos próximos encontros mensais

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os diálogos das professoras, nos levaram aos seguintes resultados e discussões:

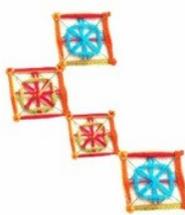
Para melhor compreender os saberes acerca do bebê como ser incapaz, incompetente e frágil que apenas necessita de cuidados, sintetizamos os seguintes fragmentos:

“um adulto em miniatura, era tratado com um adulto em miniatura, e ainda eu acho que hoje é forte isso, é forte isso, sabe por quê? Essa relação de professor com bebê eu ainda vejo muito forte, a gente ouve, ‘né’? As nossas relações com os nossos pares, a exigência, o nível de exigência, é um nível de exigência de adulto, para um adulto e não para um bebê.” (p.1)

“a gente olha pra aquela criança como se fosse um adulto achando que ela vai fazer tudo.” (p.2)

“eu ‘to’ passando para eles é que eu ‘to’ fazendo as vontades dele de que ele quer”
“olha, pode tirar do teu colo porque não é tu que fica lá na sala.” (p.3)

Fazendo um apanhado histórico, na Idade Média a criança era vista como um “adulto em miniatura”, onde trabalhavam nos mesmos locais e usavam as mesmas roupas que os adultos. Segundo Ariès (1981, p.14.) “A criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais.” Foi neste período em que a criança foi pautada na dependência, incapacidade, inexperiência



porque não tinha os mesmos entendimentos que uns adulto. Dessa forma, não muito diferente nos dias de hoje, olhando para a docência com e para os bebês, percebe-se que nas manifestações das professoras nos faz pensar que é presente ainda esta ideia deste “adulto em miniatura”, em que o bebê é aquele quem precisa sempre receber, de modo que o professor se coloca na condição enquanto adulto que precisa dar afeto, carinho, dá o seu melhor, pois o bebê é um ser dependente que precisa de alguém, de cuidados, de proteção e ao contrário do adulto que não precisa, tendo essa ideia de bebê que não estabelece trocas, sendo isso próprio da visão de um bebê pautado na visão de “adulto em miniatura”. É evidente que não é só dentro de berçários que isso acontece, mas em textos oficiais em relação há políticas públicas e “naqueles que se configuram como discursos e práticas pedagógicas da primeira etapa educação básica (GOBATTO; BARBOSA, 2017, p.21).” Diante disso, leva-se ao ponto de vista de um bebê que é um sujeito incapaz de estabelecer trocas, de agência, de ser autônomo e de interação.

Além disso, conforme as docentes, está posto a visão do nível de exigência para este bebê em relação às atividades que são postas dentro da instituição, revelando a ausência em relação do conhecimento acerca da especificidade deste bebê, que por sua vez, fica restrita em atividades dirigidas afirmando que o adulto conduz o que o bebê precisa fazer. Em conformidade a isto, Barbosa (2010) pontua que durante muitos anos os bebês foram descritos e definidos principalmente por suas fragilidades, suas incapacidades e sua imaturidade.

A grande incompreensão acerca das especificidades e de quem são os bebês ocorre uma imagem distorcida dos pequenos, pois a professora declara que faz as vontades deles, contudo, esta ideia não é a mesma coisa que compreendê-lo, tendo em vista que as vontades deste bebê no qual possui, nem sempre é melhor para si, dessa forma, é necessário entender o que o bebê quer e respeitá-lo no seu querer. Neste sentido, em relação ao colo, nos primeiros meses de vida em que esse contato físico se torna fundamental para o desenvolvimento do bebê, é o momento em que o bebê manifesta laços de afetos com os adultos, no âmbito do berçário, especificamente, as professoras. A professora quando dá colo ao bebê atribui os significados de suas ações, ajudando o a compreender cada sensação (ALENCAR, 2015). Todavia, nem sempre é visto desta forma, tendo a visão de que este bebê pode se “acostumar” com o colo da docente, isso reforça a ideia de um ser dependente e carente. Nesse âmbito, esta carência não diz respeito apenas de bens financeiros e/ou de condições financeiras, mas de afeto, vínculo e contato físico.



Quando ao bebê sujeito, competente que interagem com seus pares e adultos:

“eles são bebês, eles são suscetíveis a doenças.” (p.1)

“essa história dele ela tá muito marcada, sabe em que momento? Da adaptação, revela, sabe por quê? Porque muitas mães: “poxa, depois de dois dias ele já está bem” a gente vem e traz justamente isso, cada bebê tem sua história, cada um tem sua constituição psicológica, emocional, a ligação com a mãe a forma que ele tá ligado, essa simbiose com a mãe é diferente também é muito específico de cada um.” (p.2)

“o nosso corpo fala com gestos, com a palavra e também com o sorriso, que você pode transmitir ‘pra’ criança o que você quer.” (p.3)

“[...] a outra fica lá e acaba de banhar o bebê e ela ‘tá’ conversando lá e ‘tá’ fazendo, mas antes de tirar o bebê do trocador ela dá um beijo nele [risos], [...], e todas às vezes ela tira o bebê do trocador, mas antes ela dá um beijo nele e ‘aí’ eu... Eu vejo isso, claro, como questão de afeto de carinho e de cuidado, mas sobre todas as coisas que está para além é o respeito da criança, [...] a segurança que algumas ações delas faz aquela criança adquirir segurança de alguém que gosta, de alguém que ama, de alguém que cuida.” (p.4)

“é importante esse diálogo com o bebê por mais que ele não se expresse verbalmente, mas a gente tem que falar, é muito importante isso, esse diálogo que a gente mantém, seja falando, seja no corpo, seja no olhar.” (p.5)

“qualquer situação que ela está te pedindo ajuda, manifestando o corpo, dela o choro, porque ela desconfortável, porque ela está infeliz.” (p.6)
“esse olhar para que o corpo está dizendo e mais, perceber o que ele está dizendo, é atender aquele que está solicitando.” (p.7)

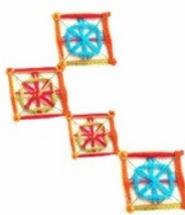
“Colchonete, almofada, ‘né’, a mesa, os lençóis, coisas do cotidiano, fazem parte da vida deles, a toalha de banho, sabe, coisas que fazem parte do real deles, coisas que fazem parte do mundo real deles, daquilo que é do social deles, faz parte da vida deles, objetos que fazem parte da vida deles.” (p.8)

“o bebê te explorar também, o teu corpo é um objeto de exploração sim, eles exploram, naquela hora que ele falou “eu vou subir” ele dizia, sim, “eu vou subir, ‘tu’ ‘tá’ aqui baixinha, eu vou subir.” (p.9)

“ele estava medindo os limites dele tipo um obstáculo que vou alcançar, ele viu como um obstáculo.” (p.9)

“as crianças nos imitam.” (p.10)

Ainda que se reconheçam os bebês como seres com potencial para se estabelecer relações, as professoras afirmam e reconhecem que os bebês são vulneráveis a doenças, sendo uma característica própria, pois eles são frágeis e precisam de cuidados que são necessários e especiais de acordo com o tempo de vida que ele está vivendo. Outra coisa que percebemos durante as análises das reflexões das professoras é que cada bebê tem a sua história que vem sendo constituída desde os primeiros dias, através de suas experiências, de suas relações com os pares, com os adultos, com a mãe e com o mundo. Segundo Alencar (2015) a história de um bebê se constitui tal como começa muito antes do seu nascimento, vem sendo construída



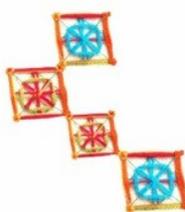
pela história de sua família e de situações que se encontraram e/ou se encontram através de sua experiência que marcam este bebê e se constituem de forma única.

De acordo com as ideias manifestadas pelas professoras, o bebê responde as relações de modos distintos, as relações que estabelecem com as pessoas, em tempos distintos, respondem principalmente por via corpórea, de modo que, o corpo do bebê afeta o corpo do professor e vice e versa. Nesse sentido, o ato do afeto, do beijar, do abraçar, do carinho tem o significado de ligar e fortalecer os laços entre os bebês e adultos, assim, é estabelecido o respeito com esse bebê, sendo desenvolvidas essas relações no qual precisam ser marcadas por confiança, permeadas pelo amor e pelo afeto, sendo assim, Duarte (2012) afirma que as relações entre adultos e bebês agem reciprocamente um sobre o outro, um com o outro e um para o outro, determinando uma relação de trocas no qual vão se constituindo por meio das interações sociais, com isso, o bebê escolhe a professora no qual tem mais afeto.

O bebê expressa sua personalidade através dos movimentos, do olhar, do toque o que ele sente, respondendo, interagindo, mantendo o diálogo com os seus pares e os adultos através de gestos, por meio disso, usam todo o seu corpo para a sua manifestação de desejo, de explorar e conhecer o mundo ou solicitando ajuda, além de manifestar a suas insatisfações. É através dessa dessa expressão de personalidade e do desejo de descobrir o mundo, o bebê faz a exploração dos instrumentos que ele tem ao seu redor, inclusive o corpo da professora torna-se um objeto de exploração, além disso, o bebê com as suas supostas dificuldades tentam superar o que é limitador na vida deles, assim ele se desafia a enfrentar obstáculos, além disso, o bebê tem potencial para dizer como se sente no espaço educativo, se é adequado ou não através de suas manifestações por meio do corpo, denunciando a insatisfação com o espaço. Dessa forma é na relação que os bebês possuem com o meio que está inserido, ele vai percebendo ao seu redor, objetos materiais, não matérias, hábitos e costumes (MELLO, 2017).

É nesta perspectiva em que os bebês observam tudo que ocorrem ao seu redor, observam o que acontece dentro do espaço, observam os seus pares e os adultos, através disso, são capazes de aprender de forma rápida conforme suas experiências, por meio da imitação, nesse sentido, quando o bebê imita o adulto não faz a reprodução das ações do professor, faz do seu próprio jeito e isso causa espanto e surpresa ao docente. De acordo com os Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil de 1998 a imitação é um instrumento de desenvolvimento que a criança utiliza em suas brincadeiras e desde muito pequenas reproduzem sons, gestos posturas faciais vindo de pessoas as quais convivem cotidianamente (BRASIL, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Fazendo uma breve retomada, nota-se que há dois pontos de vista sobre a concepção de bebê, por um lado, um bebê pautado na ideia de um “adulto em miniatura” há uma exigência maior para o bebê, perpassando por um ser incapaz de ser autônomo e a professora é quem possibilita em dá o seu melhor, dá carinhos, dá cuidados, pois o bebê é fragilizado e carente reforçando. Essa visão reforça ainda mais a invisibilidade dos bebês e não conhecendo as suas especificidades por parte das docentes. Além disso, a perspectiva olhando mais a fundo a visão de uma docente em que se restringe em apenas aos cuidados.

Por outro lado, um bebê é um sujeito capaz o qual estabelece relações de modos distintos com as professoras através da relação corpórea, fortalecendo os laços entre os bebês e adultos, de modo que essa professora precisa estar disposta e disponível ao corpo do bebê. Ademais, percebeu-se a sensibilidade de olhar para o bebê como esse ser que tem potencial, de reconhecer a capacidade dele, ainda que não falem, eles falam por meio do seu corpo como se sentem em relação as pessoas com qual interagem, seja com outras crianças, seja com adultos e nos diferentes espaços que ele participa, seja espaço adequado ou não adequado.

É importante ressaltar que a docente precisa olhar para esse bebê e compreendê-lo, percebendo as sutilezas pelo corpo no qual ele se comunica e se expressa pelas suas falas, seus gestos, seus balbucios tendo em vista em saber as suas necessidades a sua vontade os interesses desse bebê, uma vez que cada bebê tem um jeito de se portar e é necessário respeitar os estímulos de cada bebê dentro de uma rotina que não pode ser rígida.

Portanto, este trabalho alcançou os objetivos em buscar a compreensão sobre o conceito de bebês. Apresentamos as principais reflexões e considerações no qual permearam os diálogos das professoras colaborando para o andamento da pesquisa, uma vez que contribuirá na formação de educadores, pois não se torna pesquisador e nem se faz produção de conhecimento sem fundamentação. Nesse seguimento, é necessário compreender esses conceitos para que os profissionais da educação e aos futuros profissionais que se tornarão professores precisarão ter um aporte teórico para que sejam abordados em suas experiências nas áreas em que serão habilitados de modo que favoreçam as práticas dessa formação. Sendo assim, a iniciativa de delinear algumas dessas concepções são caminhos para desconstruir as perspectivas sobre os bebês que foram atribuídos historicamente como tendo caráter inferior e que ainda são presentes nas instituições coletivas e na sociedade para que sejam enfrentadas.



REFERÊNCIAS

- ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ALENCAR, Roberta. **O acolhimento de bebês: práticas e reflexões compartilhadas**. São Paulo: Instituto Fazendo História. Recuperado de: <http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2015/03/acolhimento-de-bebes.pdf>. 2015.
- BRASIL, RCNEI. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**, 1998.
- BARBOSA, M. C. S. As especificidades da ação pedagógica com bebês. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais**. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: Acesso em: 24 de jul. de 2020.
- DUARTE, Fabiana et al. Professoras de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente. 2011.
- MELLO, Suely Amaral. O CUIDADO E A EDUCAÇÃO DOS BEBÊS E A FORMAÇÃO DE DIRIGENTES. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 28, n. 3, 2017.
- GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Linguagem, dialogicidade e docência: o processo de formação em atos. **Revista Diálogo Educacional**, [s.l.], v. 16, n. 741, p.705-726, 2016.
- GOBBATO, Carolina; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. A (dupla) invisibilidade dos bebês e das crianças bem pequenas na educação infantil: tão perto, tão longe. **Humanidades & Inovação**, v. 4, n. 1, 2017.